



CARTOGRAFIA AUDITIVA E ANÁLISE HISTÓRICA DO VIVER URBANO DA CIDADE DE PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Ana Ester de Matos Silva

(Mestranda – PPGHB/UFPI)¹

anaestermatos483@gmail.com

Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos²

(UFPI/CSHNB - PPGHB/CMPP)

raimundolima2011@ufpi.edu.br

Resumo: A pesquisa teve por objetivo analisar as representações urbanas da cidade de Picos-PI, a partir das percepções sensoriais, expressadas por meio de uma memória auditiva nas décadas de 1980 e 1990. Objetivamos também caracterizar as práticas auditivas desenvolvidas nos múltiplos espaços desta urbe. Esta narrativa é construída tendo como base variadas fontes como jornais, Código de Postura Municipal, relatos orais, poesias e crônicas de escritores picoenses e fotografias. Entrevistamos sete cidadãos e estabelecemos como critério para escolha, ter residido em Picos – PI nas décadas de 1980 e 1990 e ter sido partícipe e frequentador de eventos e locais abordados no decorrer deste trabalho. A análise das fontes e as reflexões teóricas, sobre o campo temático de história e cidades, são pautadas nos estudos de Sandra Pesavento (1999; 2001; 2007), Raquel Rolnik (1995) e Michel de Certeau (2008). Na discussão sobre memória e História Oral contamos com o aporte teórico de Jacques Le Goff (1924), Michael Pollak (1989; 1992), Pierre Nora (1993), Sônia Freitas (2006), Ecléa Bosi (2003), e Alessandro Portelli (2016). Sobre espaço e sonoridades as discussões teóricas são pautadas no estudo de Murray Schafer (2011) e José Miguel Wisnik (2017). Abordamos acerca dos espaços de Picos-PI que puderam ser percebidos as sonoridades urbanas, músicas e demais apontamentos auditivos desta urbe, como é o caso da Praça Félix Pacheco e os espaços localizados em seu entorno, como o Cinema Cine Spark, as Sorveterias e o Bar do Pipoca. Discute-se também acerca do Estádio Municipal Helvídio Nunes de Barros, a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Igreja, a AABB (Associação Atlética Banco do Brasil) e o Campus Avançado de Picos. O trabalho aponta a cidade de Picos-PI, no recorte temporal proposto, como uma urbe marcada pela diversidade de rastros sonoros, percebidos através da audição de músicas em festas privadas e em eventos públicos nas apresentações artísticas, vozerios e conversas, na

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – (PPGHB) da Universidade Federal do Piauí – (UFPI/CMPP), orientador Prof Dr Raimundo Nonato Lima dos Santos. Com bolsa concedida pela CAPES.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professor Adjunto III da Universidade Federal do Piauí - UFPI, vinculado ao curso de História. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil - PPGHB-UFPI.



difusão do repente nos variados espaços. Indica as sonoridades emitidas no cotidiano urbano, por meio de práticas individuais e coletivas dos cidadãos picoenses, assim como o alarido de boêmios e notívagos em bares.

Palavras-chave: História e cidades. História e memória. Cartografia auditiva. Sonoridades urbanas. Picos-PI.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o estudo histórico das sociabilidades e sensibilidades urbanas vem ganhando destaque entre os historiadores, inspirados pela nova história cultural, como é o caso da obra relevante de Sandra Jatahy Pesavento (2007) e do jovem pesquisador Cleber de Oliveira Santana (2011). Esse historiador reservou parte de seu estudo dissertativo, para situar espaço temporalmente as memórias sonoras e emocionais de aracajuanos e, assim perceber as manifestações de silêncios, ruídos, estribilhos, sons, barulhos e ritmos, construídos historicamente por meio de uma concepção de vida cidadina. Nessas pesquisas, a cidade visível dialoga com as cidades sensíveis, imaginárias e invisíveis (PESAVENTO, 2007; CALVINO, 1990). Isto é, cidades que não são perceptíveis apenas pela expressividade visual ou tátil de sua existência concreta.

Ressaltamos que neste trabalho seguimos o caminho da nova história cultural, que possibilita a análise de representações e permite estabelecer o diálogo entre história e memória. Para essa discussão estamos pautados teoricamente na obra do autor Peter Burke (2005) *O que é História Cultural?*. Essa História Cultural tem como base mais de uma fonte de inspiração, sendo aberta e eclética tanto no plano individual como no coletivo.

É assim denominada por permitir a ampliação das possibilidades de pesquisa e novas formas de narrativas com uma preocupação voltada para as pessoas mais comuns, as maneiras e formas nas quais vão dando sentido a sua existência, seus mundos, suas vidas e suas experiências (BURKE, 2005). Partindo deste pressuposto, o historiador Peter Burke (2005) reserva uma parte do seu estudo para discorrer sobre a história cultural da percepção, que é uma proposta de pesquisa viável através da nova história cultural.

Assim sendo, este trabalho configura-se como um tópico da monografia que em suma, intuímos investigar as sonoridades urbanas desta cidade (Picos-PI) presente no



ronco de motores automobilísticos, em sirenes e buzinas, nos ruídos de construções, no vozerio propagandístico de vendedores ambulantes, na audição de músicas em festas públicas e particulares, nos gritos eufóricos de crianças brincando em ruas e praças, no alarido de bêbados em botequins, entre outras expressividades audíveis.

Para alcançar o objetivo proposto a construção deste tópico foi baseada na análise de entrevistas orais de contadores de história que contribuíram para a escrita deste estudo, entrevistamos sete cidadãos. Estabelecemos como critério para escolha dos entrevistados, ter residido em Picos – PI nas décadas de 1980 e 1990 e ter sido partícipe e frequentador de eventos e locais abordados no decorrer deste trabalho.

Com relação a metodologia da história oral pautamos teoricamente nossas análises no estudo da historiadora Sônia Freitas (2006) e esclarecemos que em nosso trabalho fazemos uso da entrevista de caráter temático, que é uma modalidade realizada com um número maior de pessoas centrada em um assunto específico vivenciado pelo informante, proporcionando ao historiador uma quantidade maior de informações.

Para analisar teoricamente as fontes citadas anteriormente, dialogamos com diversos autores que desenvolvem estudos sobre os campos temáticos: *história e cidade*, *história oral e memória*, *história e representação*, *espaço e sonoridades*, *história e imagens*. No que diz respeito à temática de *história e cidade*, a análise das fontes coletadas e nosso trabalho como um todo foi guiado pelas reflexões teóricas da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007). O estudo desta autora nos auxiliou na ampliação da concepção da urbe, ao passo que nos permite a compreensão para além da sua materialidade física, podendo ser percebida através de estímulos sensoriais e da sensibilidade.

Também neste campo temático convém citar o estudo da urbanista Raquel Rolnik (1995), quando em seu trabalho discute acerca do conceito de *cidades*. A cidade, segundo essa escritora, pode ser definida através da metáfora do ímã, na qual nesta exposição a urbe possui locais que são atrativos para os cidadãos possibilitando a formação de aglomerações. Esses ímãs podem ser praças, rios, igrejas, etc.

A urbe é constituída por lugares e ambientes através dos quais podemos apontar a presença das expressividades audíveis. Para esta análise pautamos teoricamente no estudo do historiador francês Michel de Certeau (2008), quando expõe que o espaço se relaciona



com o lugar que é praticado, realiza-se conforme é vivenciado. Já o lugar pode ser entendido como uma ordem na qual há a distribuição e configuração das posições.

Para as questões metodológicas e reflexivas sobre *história oral e memória*, dialogamos com Sônia Freitas (2006), Ecléa Bosi (2003), Alessandro Portelli (2016), Jacques Le Goff (1924), Michael Pollak (1989;1992) e Pierre Nora (1993). Para a construção deste estudo foram coletadas e analisadas entrevistas orais de depoentes que residiam em Picos – PI no recorte temporal (1980 e 1990). No que diz respeito ao preparo para a realização de entrevistas contamos com o apoio teórico do estudo da autora Sônia Freitas (2006), através do seu trabalho *História Oral: possibilidades e procedimentos*.

Para fazer as reflexões sobre *história e representação*, dialogamos com o estudo do historiador francês Roger Chartier (1990) através do seu trabalho *A História Cultural – entre práticas e representações*, que contribuiu de forma decisiva e significativa, por meio da elaboração das noções de “práticas e representações” discutidas por esse escritor.

Essas noções são úteis e necessárias, pois através delas é possível analisar tanto os objetos culturais como os sujeitos que são produtores e receptores de cultura (BARROS, 2005). Esses paradigmas permitem ainda ampliar e abarcar um conjunto maior de fenômenos culturais e possibilitar a análise do seu dinamismo. Ressaltamos que essas representações são amplas, podendo ser modos de pensar, sentir e agir, inseridas tanto no plano individual quanto no coletivo.

Roger Chartier (1990) descreve também a representação como algo que permite “ver uma coisa ausente” assim como a “exibição de uma presença.” E sobre essa abordagem da nova história cultural, destacamos um fragmento do estudo deste historiador francês quando discorre que a história cultural: “[...]tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Para as discussões sobre *espaço e sonoridades* pautamos teoricamente nos estudos do escritor e compositor canadense Murray Schafer, a partir de dois trabalhos seus – *O ouvido pensante* (2011) e *A Afinação do mundo* (2011). Este autor esboça uma discussão fundamental entre a distinção de campo sonoro e paisagem sonora. De acordo com Schafer (2011), *campo sonoro* pode ser entendido como o espaço acústico que é gerado



tendo como ponto de partida uma fonte emissora, seja ela humana ou material, que emite e faz distender os sons e as sonoridades em uma área ou em territórios bem definidos.

Já a *paisagem sonora* seria a sobreposição desses diversos campos resultando em um ambiente com sons variados. Tecnicamente, segundo Schafer (2011) esta pode ser qualquer campo de estudo acústico, podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou até mesmo a um ambiente acústico como *paisagem sonora*. Tendo em vista essa discussão, analisaremos no decorrer deste estudo sobre as diversas *paisagens sonoras* picosenses.

Partindo dessa discussão, convém mencionar que a cidade de Picos-PI se situa na região Centro-Sul do Piauí, em uma região de clima quente e com relevo que é peculiar a essa urbe, por ser rodeada por montes picosos, está localizada em uma distância aproximada de 316 km da capital, Teresina. Foi elevada à categoria de cidade em 1890, pela Resolução nº 33, de 12 de dezembro, desmembrando-se do município de Oeiras e tem sua origem ligada à pecuária de gado, vacum e cavalari (CARVALHO, 2015). É sobre essa cidade histórica que abordamos no decorrer deste estudo.

Neste trabalho abordamos acerca de alguns espaços de Picos-PI que puderam ser percebidos as sonoridades urbanas, músicas e demais apontamentos auditivos desta urbe, como é o caso da Praça Félix Pacheco e os espaços localizados em seu entorno como o Cinema Cine Spark e o Bar do Pipoca. Discute-se também acerca da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Igrejinha.³

Partindo disso, é de suma importância evidenciar o estudo do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000). A discussão que ele estabelece sobre o espaço urbano, podendo ser definido como a variedade e diversidade de usos da terra justapostos entre si. Na sua escrita e abordagem estes locais são dispostos de forma fragmentada e articulada.

Estes espaços também se apresentam de forma organizada, assim divididos entre centro da cidade, espaços reservados para a área comercial, o uso da terra com locais destinados ao lazer, etc. Há uma concordância com o estudo de Roberto Lobato Corrêa (2000), tendo em vista que os ambientes abordados no decorrer deste trabalho fazem parte do espaço urbano, podendo ser evidenciados como divididos e fraturados entre si.

³ Esclarecemos que foram feitos recortes no tópico para cumprir com as normas e limite de páginas para publicação dos anais. Para demais discussões e acesso ao trabalho completo consultar a seguinte referência: SILVA (2021).



As sonoridades da Praça Félix Pacheco

A Praça Félix Pacheco é um local público que foi inaugurado em 10 de janeiro de 1942, no ano que compreende a gestão do prefeito Adalberto de Moura Santos (1938-1945). (SANTANA, 2018). Apesar das modificações estruturais desse jardim, ele continuou sendo em 1980 e 1990 um dos locais mais procurados da cidade de Picos-PI, para práticas de lazer, encontros e sociabilidades. O público que frequentava era composto por cidadãos das mais diversas idades, servindo ainda como palco para apresentações de calouros, bandas locais e sediando eventos como o Encontro de Repentistas. (SANTOS, 2020).

A Praça Félix Pacheco localiza-se na Rua São Sebastião, no centro da cidade de Picos-PI. Abaixo segue uma imagem da Praça Félix Pacheco nos anos 1980, como um espaço aberto, público e de lazer:

Figura 1: Praça Félix Pacheco, no centro de Picos-PI, (década de 1980).



Fonte: ACERVO..., 1980.

Na imagem acima podemos perceber a Praça Félix Pacheco como um local arborizado, que se constituía como um ambiente com jardim aberto, propício ao lazer urbano. Assim como vemos um dos prédios que funcionava no entorno desse logradouro, identificado na fotografia atrás das árvores, que é o cinema Cine Spark. Um local que permitiu aos picoenses apreciar apresentações de calouros, assim como exibições de filmes no seu interior.

O entrevistado José Francisco (2021) relata o seguinte, sobre as sonoridades desse ambiente:



Ali na Praça Félix Pacheco mesmo tinha um Abrigo, no centro da praça, ali era um ponto [...] de diversão das pessoas, dos jovens, daqueles que frequentavam a praça, lá tinha som, se ouvia som ali também as vezes tinha pessoa que queria dançar também, tinha refrigerante, ou tomar sorvete, era muito bom, não sei porque tiraram. A música naquela época [...] era o baião, era o samba, a música romântica, você ouvia muito esse tipo de som em Picos, mas, mais o romantismo. Mas muito trazendo ainda as músicas da jovem guarda, as músicas, que foi realmente a época de ouro da música, mesmo depois da época que passou, ela terminou nos anos 1970 a jovem guarda, mas ela se prolongou ainda por muitos anos [...] fazendo muito sucesso. Era Roberto Carlos, Wanderlei Cardoso, Jerry Adriani, Martinha, era muito, Wanderleia [...]. (José Francisco, 2021).

É possível visualizar no trecho acima que José Francisco (2021) relata sobre as sonoridades que ele recorda deste espaço, em que esteve localizado no centro da Praça Félix Pacheco, evidenciando que os jovens apreciavam músicas reproduzidas em um aparelho de som, informando acerca dos gêneros musicais que faziam parte do repertório musical dos picoenses, como também músicas do movimento cultural brasileiro Jovem Guarda. No entanto, ele destaca que a predominância maior era das musicalidades pertencentes ao gênero romântico.

Cinema Cine Spark: rastros sonoros nas musicalidades do *Show de Calouros*

Também faz parte dessa cartografia auditiva o cinema Cine Spark, que foi o terceiro cinema recebido na urbe picoense (RIBEIRO, 2014). Criado na década de 1960 pelo proprietário Chico de Julho, foi inaugurado no ano de 1964, tendo suas portas fechadas em 1989. Este espaço estava localizado na Rua Coelho Rodrigues, no centro de Picos-PI, em frente à Praça Félix Pacheco.

Abaixo um registro fotográfico deste local, retirado da página do Facebook Foto Varão Memórias:

Figura 2: O Cine Spark, publicação na página do Facebook Foto Varão Memórias (c. década de 1970).



Fonte: FOTO VARÃO..., c. década de 1970.

É relevante mencionar que não encontramos uma fotografia do cinema Cine Spark referente ao recorte temporal desta pesquisa, que compreende as décadas de 1980 e 1990. Utilizaremos a imagem acima, datada de aproximadamente da década de 1970 como uma referência e parâmetro para análise deste espaço, que continuou em funcionamento na década de 1980.

O Cine Spark possuía uma estrutura física adequada para receber seus frequentadores, além de possuir uma tela panorâmica e assentos confortáveis, havendo ainda uma boa ventilação e espaço amplo, com capacidade de lotação de até 700 pessoas. Atualmente o prédio que sediava este cinema ainda existe, mas com as portas fechadas, sem atividades no seu espaço interno, localizado ao lado da UNIMED – Confederação Nacional das Cooperativas Médicas do Brasil, em frente à Praça Félix Pacheco.

Neste espaço ocorriam o *Show de Calouros*, que consistia em apresentações de músicas executadas pelos cidadãos. O entrevistado ressaltou ainda que para participar desse evento, os candidatos deviam pagar uma taxa de inscrição previamente, aos organizadores. Sobre esse registro sonoro destacamos o seguinte trecho do depoimento de Douglas Nunes (2021),

Os shows de calouros ocorriam no Cine Spark até 1984, quando funcionou o Cine Spark, depois o cinema fechou né, os proprietários fecharam as portas, e não teve mais essa participação de calouros, e filmes também, que eram exibidos, o cinema fechou e não teve mais. Isso ocasionou uma mudança drástica no comportamento dos jovens porque era o cinema, era o “chamariz” vamos dizer assim para que os jovens [...] ali conversasse sobre os filmes que ia ser exibido, sobre o show de calouros, eu lembro muito bem né, porque eu tinha um primo que cantava né [risos], ele cantava as músicas de Roberto Carlos. (Douglas Nunes, 2021).



As sonoridades recordadas pelo entrevistado estão relacionadas às apresentações musicais de calouros. Percebemos que o depoente recorda que um primo seu apresentava-se neste local, cantando músicas do artista nacional Roberto Carlos. Assim como, relembra as conversas naquele recinto, na qual o assunto era sobre as produções de filmes que seriam exibidas neste cinema e as apresentações de calouros neste local.

Bar do Pipoca: alarido de bêbados e músicas tocadas em radiolas

Conforme mencionado, no entorno da Praça Félix Pacheco havia empreendimentos que em 1980 tiveram uma ampla frequência pelos picoenses, como é o caso do Bar São Francisco, popularmente conhecido como Bar do Pipoca. Este bar foi fundado na década de 1950 nas imediações da Praça Félix Pacheco (próximo onde se localiza atualmente o Banco do Brasil). O proprietário dessa casa de divertimentos era o senhor Ismael Dias de Oliveira, conhecido por “Seu Pipoca” e assim ficou conhecido esse bar, que era aberto durante o dia e à noite.

Francisco Reis Barrazul Santos (2020), expõe que deste botequim só recorda da presença do público masculino, sendo um espaço muito frequentado por amigos do dono do boteco, quanto por boêmios da cidade:

Ali no centro da Praça e nas circunvizinhanças tinha sorveterias que era aonde atualmente funciona a loja “A Preferida”, o povo chupava um picolé, bebia refrigerante, principalmente isso né. Tinha o Bar do Pipoca, que era o mais famoso. O povo ia mais para beber para jogar, não ia mulher para lá não. Eu frequentava muito o Bar do Pipoca, Pipoca era o dono do bar. Eu frequentava bastante porque era o lugar dos homens mesmo, que gostava de beber, de jogar sinuca, era tipo um cassino né, mas eu só jogava sinuca, jogo eu nunca joguei, mas eu ia para lá, frequentava bastante, qualquer horário do dia, da noite. Lá não tinha músicas não, tinha caixinha de som, mas músicas ao vivo não. O bar do Pipoca era mais perto do Banco do Brasil, aonde atualmente funciona a loja “Mistura Fina”. (Barrazul Santos, 2020).

Conforme já ressaltado, este botequim era um espaço frequentado por homens, que iam para beber e conversar, assim como para jogar sinuca e outros tipos de jogos. Verifica-se que Barrazul Santos (2020) menciona que nesse ambiente não havia músicas tocadas ao vivo, mas havia a audição de músicas que eram reproduzidas por meio de uma



caixa de som. Entrevistamos também o senhor Antônio Luiz (2021) que foi frequentador deste bar desde o início de seu funcionamento até o encerramento das suas atividades.

Antônio Luiz (2021) descreve em sua fala, de maneira semelhante acerca do ambiente interno do Bar do Pipoca, mencionando tanto sobre os jogos quanto sobre as bebidas. Também detalha com relação às sonoridades deste ambiente. Nota-se no trecho abaixo:

A maior especialidade do Bar do Pipoca era realmente o jogo, tinha uma sinuca, jogo de vispa, baralho e dominó. Também bebidas era o principal, não era muito organizado não, mas tinha sempre bebida, lá tinha um detalhe, lá não frequentava mulher, só homem, eu não sei porque, se era preconceito ou que as mulheres não queriam frequentar mesmo lá. Tinha música, tocada na radiola. Zuada de bêbado lá tinha muito, tinha muita discussão mesmo [...] alarido de bêbado era muito viu. As músicas ouvidas eram as da época, Agnaldo Timóteo, Waldick Soriano, Lindomar Castilho, Nelson Gonçalves, Roberto Carlos, eram esses cantores, jovem guarda principalmente. (Antônio Luiz, 2021).

Verificamos que Antônio Luiz (2021) discorre acerca da composição interna deste bar, sendo seus principais atrativos dos homens, os jogos e as bebidas alcoólicas, que eram consumidas neste espaço pelos frequentadores. Percebemos, no que diz respeito às sonoridades que o mesmo relata que havia muito barulho e alarido de homens discutindo no espaço interno do Bar do Pipoca, produzido pelos homens bêbados. Relata ainda, acerca de resquícios sonoros musicais, segundo este, as músicas apreciadas eram reproduzidas através de uma radiola, aparelho conjugado de rádio e vitrola (reprodutor de discos de vinil).

O entrevistado recordou acerca dos principais artistas que tinham suas músicas tocadas nesse ambiente, através disso percebemos a menção de nomes de cantores nacionais, que representam o gênero musical chamado por uns de “brega” e romântico, assim como músicas do estilo jovem guarda que eram apreciadas pelos frequentadores deste bar.

Catedral de Nossa Senhora dos Remédios: o som do badalar dos sinos e demais expressividades audíveis

Ainda no que se refere à cartografia auditiva da urbe picoense, nas décadas de 1980 e 1990, discutimos sobre os sons que eram emitidos através dos sinos de duas igrejas



locais, a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, que é a Igreja Matriz da cidade e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, conhecida pelos cidadãos como Igrejinha. É importante ressaltar que ambas estão ligadas diretamente com a história da cidade e com o seu processo de povoamento.

A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios está localizada atualmente na Praça Justino Luz, no centro da cidade de Picos-PI, que dado a beleza arquitetônica que possui através do seu estilo neogótico e torres altivas é considerada como uma das maravilhas do estado do Piauí e é tida como uma referência no que diz respeito a religiosidade do estado. (CARVALHO, 2015)

É importante ressaltar que na década de 1980 e 1990, até os dias atuais, ocorre no entorno e nos arredores dessa Igreja, a feira livre local, onde acontece o comércio com a venda de produtos alimentícios e outros produtos que são comercializados. A historiadora Mara Gonçalves de Carvalho (2015), em seu trabalho de dissertação de mestrado em História, analisando sobre a urbe picoense na década de 1970, aborda com relação a Catedral de Picos e, com base no que essa pesquisadora discorre, esta foi edificada no ano de 1871, pelo Pe. Dr. José Antônio Maria Pereira Ibiapina (CARVALHO, 2015).

Com o passar dos anos esta passou por uma modificação, ocorrida em meados de 1948, sendo demolida para dar lugar a atual construção, que substituiu a forma arquitetônica colonial, passando a apresentar até os dias atuais uma edificação no estilo neogótico. A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios é considerada como uma das maiores igrejas do Nordeste, assim como um ponto turístico da urbe picoense (CARVALHO, 2015).

No que se refere aos sons deste local, o excerto do registro oral do depoente Antônio Borges (2021), de acordo com ele:

[...] Os sons altaneiros de milhares de vozes uníssonas a entoarem os cânticos benditos e rezas durante as grandes procissões religiosas nos anos 80 e 90 reverberavam a afirmação da fé de um povo através dos montes que avultam pelas cercanias delimitando o vale do velho Guaribas [Rio Guaribas]. Entre todos os sons que se ouvia, de tudo quanto havia em onda sonoras os sinos da catedral em badaladas e intermitentes a anunciar os eventos religiosos ouvidos ao longe emitiam o som mais agradável, eloquente e mais admirável que já se produziu nesse vale de labuta, lutas e devoção. Impossível descrever em palavras [nota-se voz emotiva e embargada] a real dimensão das sensações sentidas, das emoções vividas, ao som de tão diversificados eventos



numa época formidável que não se pode esquecer. (Antônio Borges, 2021).

Percebemos que o entrevistado recorda com um tom de nostalgia os saudosos momentos que vivenciou ao ouvir os sons por ele elencados e, em momentos, expressou sua fala através de uma voz emotiva as sonoridades relacionadas a práticas religiosas na Catedral da urbe picoense. Visualizamos que o depoente evidencia as vozes dos fiéis que eram expressadas através dos cânticos e das rezas que ocorriam em momentos da realização de procissões.

Essas procissões constituem-se como um cortejo organizado pela Igreja Católica, na qual os fiéis reúnem-se através de acompanhamentos e caminhadas, entoando rezas e canções. O entrevistado caracteriza essa cantoria religiosa como vozes unidas que eram expressas e reverberadas em tom alto.

Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Igrejinha: sonoridade no soar de um sino pequeno

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus tem sua localização também no centro da cidade de Picos. Esse templo religioso é considerado como o mais antigo da urbe. Logo ao adentrar na cidade de Picos é quase impossível não ver a Igrejinha, dada a sua boa localização, estando em uma rotatória da principal via que dá acesso ao centro, ficando bem próxima de rodovias estaduais e federais, que cortam a urbe picoense. (CARVALHO, 2015)

De acordo com a historiadora Mara Gonçalves de Carvalho (2015), esse edifício de ritos religiosos foi construído entre os anos de 1827-1830, por portugueses como Borges Leal, e seus irmãos. Auxiliaram também cavalarianos provindos da Bahia e de Pernambuco e pessoas que já residiam no povoado e na vizinhança.

A Igrejinha está ligada diretamente ao processo de povoamento da urbe picoense, sendo apontada como o marco inicial, pois foi ao redor da mesma que os primeiros grupos de pessoas fixaram residência, aumentando o agrupamento de casas e pessoas, permitindo posteriormente dar origem ao povoado, a elevação à vila e por último, em 1890, ser elevado à categoria de cidade de Picos (RIBEIRO, 2015).



No que se refere aos registros sonoros deste templo religioso, o contador de histórias Douglas Nunes (2021) recordou com relação aos sons do sino da Igrejinha, relatando o seguinte:

O som que destacava e que muito me marcou, quando na década de 1980, residia na Rua Velha, bem próximo à igrejinha Coração de Jesus, o som que mais me atormentava e ouvia até duas vezes na semana, era o produzido por um pequeno sino da igrejinha... um som repetitivo, que, ao ouvi-lo, já sabia do que se tratava e sempre alguém dizia: - Oh! Meu Deus! Mais um anjinho indo para o céu! Sim, havia uma particularidade naquele... Eram as batidas do enterro de mais uma criança... Um menino ou uma menina que seria conduzido naquele momento ao cemitério de Picos, ou a algum outro local no interior, sítios ou comunidades. (Douglas Nunes, 2021).

Percebemos a partir do excerto acima uma diferenciação do significado e das sensações que essa sonoridade provocava nos depoentes. Enquanto Antônio Borges (2021) recorda das badaladas dos sinos da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios como um som agradável de ouvir, que tinha o significado de anunciação da realização de atividades religiosas, o entrevistado Douglas Nunes (2021) recorda dos sons do sino da Igrejinha como algo que provocava comoção e lhe atormentava, pois em determinada ocasião o sino tocava, anunciando aos moradores acerca do falecimento de crianças.

Esclarecemos que os sinos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus tocavam também anunciando a realização de eventos e festividades, mas aqui, nosso depoente Douglas Nunes (2021) refere-se a um som que lhe marcou. Assim, ressaltamos que esse não era o único emitido pela Igrejinha. O entrevistado destaca essa sonoridade produzida por um sino de tamanho pequeno, mas que reverberava aos ouvintes de forma repetida, com ocorrência de até duas vezes na mesma semana.

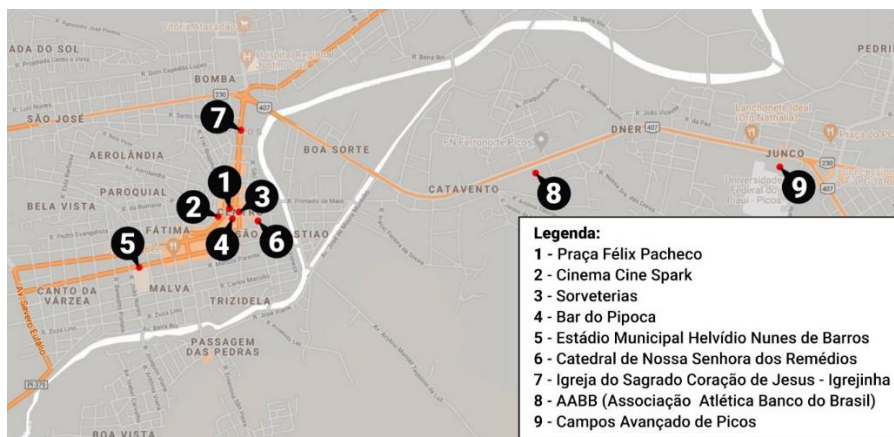
Cartografia auditiva dos espaços que estiveram em funcionamento na urbe picoense, nas décadas de 1980 e 1990

Após a discussão elencada acima, trazemos destaque para um mapa editado da cidade de Picos-PI, que contém destaque para os espaços mencionados neste trabalho e que estiveram em funcionamento na urbe picoense, nas décadas de 1980 e 1990. É relevante mencionar que se refere a localização aproximada (como no caso do Bar do Pipoca) e os demais espaços como a Praça Félix Pacheco, a Catedral de Nossa Senhora



dos Remédios e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Igrejinha continuam localizadas nos dias hodiernos no mesmo local, tal como destacamos no mapa:

Figura 3: Cartografia auditiva dos espaços que estiveram em funcionamento na urbe picoense, nas décadas de 1980 e 1990. Mapa 1. (Mapa do Google Maps, com ajustes e edições realizados por Lucas de Sousa Nunes e Ana Ester de Matos Silva, em maio de 2021).



Fonte: DRIVE GOOGLE, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante mencionar que essa é apenas uma pequena versão sobre a história do passado de Picos-PI. Dito isso, acreditamos que não esgotamos essa discussão e esperamos que outras versões desta possam ser escritas, vindo esse trabalho desempenhar contributos e mostrar ao leitor uma das possibilidades, dentre outras que são possíveis de perceber, ver e descrever a cidade, especialmente a picoense.

Notamos através desta pesquisa a cidade de Picos-PI, no recorte temporal proposto, como uma urbe marcada pela diversidade de rastros sonoros emitidos no cotidiano urbano por meio de práticas individuais e coletivas, como a difusão do repente e as sonoridades emitidas pela viola, a audição de músicas de artistas nacionais e interpretadas por artistas locais, assim como outras representações sonoras como o alarido de bêbados em bares, conversas dos cidadãos na Praça Félix Pacheco, o badalar dos sinos da Catedral de Nossa Senhora dos Remédios e da Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Igrejinha, etc.



REFERÊNCIAS

ACERVO e memória picoense. [Praça Félix Pacheco, no centro de Picos-PI (década de 1980)]. Picos-PI, 1980. Disponível em: <<http://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/> fotos_stream>. Acesso em: 12 fev. 2020. 1 foto p&b.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4862954/mod_resource/content/1/Roger%20Chartier%20-%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20entre%20pr%C3%A1ticas%20e%20representa%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

BARROS, José Francisco de. (José Francisco). Entrevista **concedida a Ana Ester de Matos Silva**. Picos, PI, 30 mar. 2021.

BORGES NETO, Antônio. (Antônio Borges). **Entrevista concedida a Ana Ester de Matos Silva**. Picos-PI, 9 fev. 2021

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)**. Teresina-PI: UFPI, 2015. (Dissertação – Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, 2015.)

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)**. Teresina-PI: UFPI, 2015. (Dissertação – Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, 2015.)

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CORRÊA, Roberto Lobato; **O Espaço Urbano**. São Paulo. Ed. Ática. 1989

DRIVE GOOGLE. [Cartografia auditiva dos espaços que estiveram em funcionamento na urbe picoense, nas décadas de 1980 e 1990. Mapa 2. (Mapa do Google Maps, com ajustes e edições realizados por Lucas de Sousa Nunes e Ana Ester de Matos Silva, em maio de 2021)]. 1 Mapa, color. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1746hzP2gZWOLq4XbsAnrZ16rIvwJpAeB>>. Acesso em: 19 maio 2021.



FOTO VARÃO memórias. [O Cine Spark, publicação na página do Facebook Foto Varão Memórias (c. década de 1970)]. Picos-PI, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fotovaraomemorias>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos** 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LUZ, Aylla Mara Caminha. **Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970**. Picos-PI, 2012. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2012)

NUNES, Douglas Moura (Douglas Nunes). **Entrevista concedida a Ana Ester de Matos Silva**. Picos-PI, 02 fev. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 12 jul. 2019.

POLLAK, Michael Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos (Década de 1980)**. Picos-PI: UFPI, 2014. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2014)

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTANA, Cleber de Oliveira. Memórias sonoras e emocionais. In: **Ê gente que samba!** Práticas culturais e sociabilidades na cidade de Aracaju-SE. São Paulo: PUC, 2011. (Dissertação – Mestrado em História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011)

SANTANA, Maria de Fátima de Moura. **Praça Félix Pacheco: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (Década de 1990)**. Picos-PI: UFPI, 2018. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2018)

SANTOS, Francisco Reis Barrazul (Barrazul Santos). **Entrevista concedida a Ana Ester de Matos Silva**. Picos, PI, 18 mar. 2020.

SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Trad. Marisa Trench Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.



SCHAFFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SILVA, Ana Ester de Matos. **Entre melodias, ruídos e ritmos**: sonoridades urbanas da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. Picos-PI, 2021. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2021).

SILVA, Antônio Luiz Pereira da. (Antônio Luiz). **Entrevista concedida a Ana Ester de Matos Silva**. Picos-PI, 13 fev. 2021.